Francisco Maél – Médico & Escritor

VÍTIMAS DA SOCIEDADE

1ª parte

- EM BUSCA DA VERDADE -

Chacina da Candelária

Julho de 1993. Centro da cidade do Rio de Janeiro. Era tarde da noite quando homens e mulheres dormiam ao relento. Apenas um morador de rua se espremia junto a uma marquise. O inverno não estava sendo rigoroso, porém aquela noite estava mais fria que as outras. Com um cobertor o pobre homem tentava se proteger da friagem que incomodava. Para sua sorte, os vigias dos prédios próximos não o tinham visto, pois geralmente todos aqueles que tentavam se proteger para dormir nas proximidades dos prédios eram repelidos e tinham de buscar outro abrigo ou dormir ao relento, conforme estava ocorrendo naquele dia com vários moradores de rua. Todos já estavam acostumados com aquela situação, até porque sempre estavam sob o efeito de alguma droga.

O dia tinha sido agitado naquela região, pois houve uma passeata promovida por algumas entidades políticas e sociais, inclusive com a participação de vários moradores de rua, devidamente remunerados.

Poucos carros passavam naquele momento e, entretanto, alguns estampidos soaram no silêncio daquela noite acordando o pobre homem que tentava dormir. Não era normal um barulho parecido com aquele no centro da cidade.

Geralmente estas pessoas são alheias ao que acontece à sua volta, mesmo assim ele ficou de pé. Não tinha usado droga naquela noite. Ainda sonolento, deu alguns passos em busca de ver o que estava acontecendo na praça que fica de frente para a igreja da Candelária, lugar de onde os estampidos vinham. Em seus braços o homem tinha algo enrolado em panos, era um

recém-nascido, filho seu e que dormia sem se preocupar com o mundo e o futuro que lhe esperava.

Arregalando os olhos, o pobre morador de rua pode ver a algumas dezenas de metros, próximo à Igreja da Candelária, alguns policiais militares de arma em punho atirando contra moradores de rua que lá estavam. Em poucos segundos, todos pareciam dormir em plena praça, mas os corpos não se mexiam. Geralmente aquele local era dormitório dos menores de idade que durante o dia se drogavam e faziam pequenos furtos.

Fez-se silêncio rapidamente no lugar e incomodado com alguma coisa, o bebê chorou. Sem saber o que fazer, o pobre homem apertou o filho contra o peito para abafar o choro inocente, no mesmo instante em que um dos policiais olhava em sua direção. O choro do bebê o tinha delatado. Assustado como uma testemunha ocular descoberta, ele virou as costas e correu no sentido contrário, entrando na rua da candelária. Seu instinto dizia que era para ele se afastar o máximo possível do local e ele não pensou duas vezes para seguir esta ideia. Naquele momento ele não queria saber o motivo daqueles policiais estarem atirando contra pessoas indefesas, sabia que era algum tipo de vingança, mas tinha aprendido, durante o tempo em que estava nas ruas, que nunca era bem-vindo em lugar algum.

Aqueles menores, possivelmente mortos, estavam exagerando na abordagem aos transeuntes e no uso das drogas explicitamente. Ele mesmo já tinha falado com a maioria que aquele comportamento poderia trazer algumas complicações,

porém eram muito jovens e não aceitavam orientações de ninguém.

Ainda correndo, chegou à Rua da Alfândega. Apesar de morar na rua, apresentava um bom preparo físico e tinha certeza que não o alcançariam. Dobrou à direita, pois se sentiria mais seguro se conseguisse chegar à Avenida Rio Branco, onde o movimento de veículos era maior.

O policial que viu o morador de rua correr não fez movimento para segui-lo, ele era um branco forte, cabelo baixo e um sorriso malicioso. Rapidamente pegou o rádio de comunicação que estava em seu ombro e transmitiu:

- Suspeito seguindo pela Rua da Candelária com um bebê, provavelmente nosso homem.

Tornou a olhar à sua volta, mas todos os indivíduos que dormiam naquele logradouro estavam num sono eterno. Rapidamente os policiais saíram do local.

Antes de terminar o quarteirão da Rua da Alfândega, o morador de rua que fugira, viu uma rádio patrulha vindo em sua direção. Imediatamente o homem fez meia volta, seu plano não tinha dado certo. Voltou a correr, porém em poucos segundos se ouviu tiros. Uma lasca de parede voou pelo seu lado direito e logo a seguir ele sentiu algo queimar em suas costas. Ligeiro, ele tinha como objetivo, agora, chegar à outra avenida movimentada, pois os policiais ainda o perseguiam.

Chegou à Rua Primeiro de Março, poucos carros transitavam no momento. Antes de atravessar a rua viu dois rapazes que dormiam por ali. Estancou por alguns segundos e acordou-os aos gritos, dizendo que policiais estavam matando quem estivesse dormindo na rua. Não esperou que os outros

levantassem e voltou a correr. Ouviu novos tiros, mas não olhou para trás, talvez aqueles rapazes também tenham sido assassinados. Atravessou a avenida e entrou na Rua do Rosário que neste momento não havia condições de entrada de veículos. Vários galões interditavam a rua e o pobre homem pode olhar para trás. Não parecia ser seguido agora, porém não tinha intenção de confirmar esta hipótese. Estava cansado, o ar lhe faltava e ele caminhava com dificuldade. Não sentia mais a queimação nas costas, mas sabia que tinha sido baleado.

Agora o morador de rua com um bebê nos braços, não queria mais só se afastar do local, tinha em mente um novo plano, pois estava ferido e precisaria de ajuda para si e para seu filho. Próximo à praça XV havia uma maternidade e certamente conseguiria ajuda lá, até porque conhecia alguém no lugar.

Ao entrar na Rua do Ouvidor, já quase não conseguia se manter de pé, o esforço desprendido estava cobrando seu preço, porém ele carregava uma criança e não podia dar o luxo de deixá-la em qualquer lugar. Sua respiração estava cada vez mais difícil, suas pernas pesadas e sua vista começava a embaçar. Ele sabia que não aguentaria por muito tempo, algo dentro de si indicava uma grave lesão, era provável que estivesse com uma grande hemorragia.

A rua estava deserta naquele horário e ninguém viu que aquele pobre homem morador de rua estava precisando de ajuda. Sozinho com um bebê ele sabia que estava próximo da maternidade. Sua visão já quase escurecida fazia com que ele fosse se segurando no que via pela frente. Derrubou uma lata

de lixo, se segurou em um poste e tentou se recuperar do esforço desprendido na fuga.

Por instantes se lembrou da família que tinha abandonado para morar na rua, das casas de recuperação por onde passou sem sucesso, simplesmente porque não queria se recuperar e da mulher com quem vivia. Tinha sido um filho rebelde, sabia que seus pais não mereciam isso e agora estava pagando um alto preço por suas decisões.

Na esquina da maternidade ele caiu, sua respiração piorava e ele tossiu. Ao esfregar a mão na boca, viu que havia sangue. Faltavam poucos metros, não podia desistir. Seu filho não mais chorava e ele temeu que ele também tivesse sido atingido pela bala. Demorou alguns minutos se arrastando até a entrada principal da maternidade, mas pareceu uma eternidade. Há muito tempo que não pensava em Deus, mas agora rogou que seu filho fosse salvo. Pediu, nestes poucos minutos, que o senhor todo poderoso fizesse de seu filho um homem melhor do que ele foi, que desse a oportunidade de seu filho viver, mesmo que isto custasse a sua vida.

Por três vezes ele bateu na porta que se encontrava fechada. Suas forças estavam se esvaindo, pressentia a morte se aproximar. Viu uma luz brilhante e um anjo, porém ele precisava de uma última chance para salvar seu filho, um último sopro de vida.

Um vigia, que via um programa de televisão, se levantou preguiçosamente de sua cadeira e veio verificar quem tinha batido à porta, assim que ela foi aberta, o homem já estava caído ao chão, mas ainda conseguiu balbuciar quando o vigia se aproximou:

- Meu filho... Cuidem do meu filho.

Aos gritos o vigilante acionou a emergência do hospital. Houve um corre-corre para socorrer o pobre homem. O bebê foi levado pelos médicos para ser avaliado, entretanto, apesar do frio e da agressão sofrida pelo pai, seu estado de saúde era bom, apenas parecia com fome.

Uma família pobre

Aparecida do Rosário era uma pequena mulata que mancava de uma perna, tinha trinta e três anos de idade e solteira com duas filhas. Era muito trabalhadeira, apesar de sua deficiência física. Era uma excelente faxineira, cuidava de uma idosa e lavava roupa pra fora. Desde que nasceu, morava numa favela na região da Penha, subúrbio do Rio de Janeiro, em uma casa de alvenaria por terminar, herança de seus pais. A sua deficiência física se deu numa manobra errada durante o parto por uma parteira local. Como era pobre, nunca foi cogitado fazer uma cirurgia para corrigir a sua deficiência.

Há alguns anos estava morando com um homem, seu nome era José Aparício, mas todos o conheciam como Zé do Bigode. Aparício tinha uns quarenta e cinco anos, era gordo, etilista e com um enorme bigode que justificava o seu apelido. Ele era o homem que tomava conta dos pontos do jogo do bicho naquela favela. Tinha fama de mulherengo, mas com aquela barriga, a fama deve ter sido de outros tempos. Há dois anos Zé do bigode foi parar no hospital devido uma facada que tinha recebido na barriga. Na época ele disse que tinha sido agredido por um apostador insatisfeito com o resultado do jogo, porém nada foi investigado, pois Zé do bigode se recusou a denunciar o agressor.

Aparecida era devota de São Cosme e São Damião e pelo menos uma vez por semana ela visitava a pequena igrejinha da região, fazia suas promessas e acendia várias velas. Na mesma semana ela teve de fazer dois pedidos aos seus protetores, primeiro para que seu companheiro se restabelecesse da facada

que sofreu e segundo pelo retorno da filha mais velha que tinha sumido de casa.

As filhas de Aparecida tinham dezesseis e catorze anos. A mais nova era Ana Paula, a Aninha. Era uma morena bonita, cabelos escorridos e um corpo perfeito. Era muito simpática e adorava crianças. Cleonice, a Cléo, era também bonita, porém pouco mais escura que a irmã. Fugiu de casa aos catorze anos e desde então vivia nas ruas usando drogas.

Cleonice do Rosário nasceu gêmea, porém a irmã morreu durante o parto. Era uma menina esperta, muito agitada e dispersa, não foi muito longe nos estudos, repetia de ano com muita frequência até que desistiu de ir para a escola. Apresentava um tique nervoso que a fazia mexer com as sobrancelhas involuntariamente. Na rua, Cleo agia como um menino, jogava bola, soltava pipa e corria, porém nunca demonstrou interesse pelo mesmo sexo, era simplesmente uma menina hiperativa.

Tentativa de estupro

Antes de completar catorze anos, Cleo e a irmã foram surpreendidas pela inclusão na família de Zé do Bigode. Elas nunca tiveram pai e agora se viam às voltas com um padrasto. Aparecida não morria de amores pelo seu homem, porém precisava de uma referência masculina na família para ajudar na formação das filhas. Certamente o "bicheiro" não era o homem dos seus sonhos, mas foi o que pode arrumar dentro das suas condições. Financeiramente ele podia diminuir a carga de trabalho de Aparecida, pois as meninas estavam dando muita despesa.

No começo ele até que era carinhoso com as meninas, dava dinheiro para elas irem passear, dizia para terem cuidado com os meninos e trazia presentes esporadicamente. Ocorre que o carinho demonstrado pelo padrasto ganhou outros rumos e ele passou a olhar as suas enteadas de uma maneira diferente. Por várias vezes, quando Aparecida não estava em casa, ele tomou banho com a porta do banheiro aberta e invariavelmente tentou ver as mocinhas trocando de roupa.

- Meu bem, já estou indo, cuide das meninas, falou apressadamente Aparecida para o companheiro, sem desconfiar que ele estivesse aguardando ansiosamente por este momento.

- Pode deixar, cuidarei delas com muito carinho, falou o homem com alguma malícia.

Uma vez por semana Aparecida passava a noite fora, pois cobria a folga de uma enfermeira que cuidava de uma senhora idosa na zona sul do Rio. O serviço era fácil, pois a idosa não

dava trabalho, mas havia necessidade de ter alguém por perto a qualquer hora do dia e da noite.

Poucas horas após a saída da mulher, Zé do bigode já estava no limite da excitação, não parava de pensar como seria tocar naquela pequena morena. Cleo estava na flor da idade e com seus catorze anos já tinha corpo de mulher. Seios duros, cintura fina e um bumbum de pura tentação. Todos estes requisitos não fugiam à observação do padrasto tarado.

Pouco depois das mocinhas já estarem dormindo, Zé do bigode entrou no quarto de Cleo. A casa tinha três pequenos quartos, o de Cleo era o menor e não tinha janela. Com passos mansos como se fosse um leão se preparando para atacar a presa, ele entrou no quarto da moça. Ela dormia um sono pesado. O gordo Aparício já tinha estado naquele quarto outras vezes, porém apenas ficava olhando aquele corpo adolescente e depois voltava para seu quarto a fim de dar vazão a sua libido.

"Mas hoje será diferente", pensou o homem excitado. Lentamente ele tirou o lençol que cobria aquele belo corpo virgem e ficou a apreciar. Já era hora dele provar daquela fruta, estava madura e pronta para o consumo. Sem fazer grandes movimentos, ele se deitou ao lado da moça que estava com um pequeno short e uma fina camiseta larga sem mangas. O homem babava vendo parte das mamas da menina. Ele se aproximou ainda mais dela e pode sentir seu cheiro. Levemente ele enfiou uma das mãos sob a camiseta larga tocando uma das mamas, enquanto a outra ele apertava o seu próprio sexo. A moça se mexeu, porém não acordou. Ao ponto de uma ejaculação, o homem resolveu ser mais ousado e encostou todo seu gordo corpo na jovem e segurou, enchendo a mão, a mama

que estava tocando. Com o maior contato, Cleo despertou. Sem entender o que estava acontecendo ela tentou se levantar. O homem não queria perder aquela oportunidade e tentou mantê-la quieta segurando seu corpo. A moça era muito ágil e num movimento rápido, se desvencilhou do braço que tentava prendê-la e rodando o corpo em 90 graus, colocou as costas contra a parede e com os pés, empurrou da cama o corpo do tarado. O homem caiu da cama desajeitado, enquanto ela passava por cima dele. Rapidamente a jovem saiu do quarto, seguiu pela sala e chegou à rua. Parou um pouco para repor as ideias e entender o que estava acontecendo.

- Aquele gordo porco, esperou minha mãe sair para fazer "saliência" comigo, falou baixinho a moça.

Seguindo por uma viela, foi bater na casa de uma coleguinha chamada Vânia, onde costumava dormir de vez em quando. Passou a noite lá sem contar o que tinha acontecido.

No dia seguinte, assim que a mãe Aparecida retornou do trabalho, Cleo voltou para casa. Tudo parecia normal, inclusive o padrasto a tratava como se nada tivesse acontecido. Durante toda a semana não houve nova investida, porém Cleo suspeitava que ele estivesse esperando o dia de sua mãe ir trabalhar à noite para retornar ao seu quarto, porém desta vez seria diferente, pensava a adolescente com os olhos faiscando de raiva. Cogitou contar para a mãe o que tinha acontecido, mas sabia que a mãe estava dependendo financeiramente dele, além de temê-lo, pois era uma das pessoas de confiança de Naldo, o chefe do tráfico local.

Uma semana depois do abuso, Cleo, apesar de estar com medo, tomou suas precauções. Uma mochila estava pronta com

algumas mudas de roupa, porém sua maior proteção estava sob o travesseiro. A mãe saiu para o trabalho e ela ficou aguardando novamente a invasão de seu quarto. As portas internas da casa não tinham trancas, mas a moça sabia que mesmo que tivessem, isso não impediria o padrasto de molestá-la. Ela estava determinada a enfrentar o homem e lhe dar uma grande lição, mesmo que isso custasse a sua vida.

A moça se deitou e fingia dormir. O homem abriu lentamente a porta do quarto dela e a observou, depois ele fechou a porta sem entrar. A moça era esperta, porém ele tinha notado que a sobrancelha dela se mexia involuntariamente, o que era sinal de que ela ainda não estava dormindo. O homem deixou passar mais tempo e quando retornou a olhar pela porta, Cleo estava dormindo. Ela acabou sendo vencida pelo sono.

Zé do Bigode entrou mansamente, seus olhos brilhavam com a possibilidade de fazer sexo com aquela bela moça. Desta vez Cleo usava roupas mais comportadas, mas isso não tirou a tara do gordo homem. Ela estava de barriga para baixo sob um lençol que ele tirou sem fazer alarde. O homem estava muito excitado. Abaixou sua calça e rapidamente se colocou deitado sobre a moça que acordou assustada.

"Não devia ter dormido", pensou rapidamente, porém o gordo agora estava sobre ela e segurava suas mãos. Ele se esfregava naquele doce corpo moreno e fungava no pescoço da jovem. Ela sentiu o membro dele entre suas pernas e sabia que seria estuprada. Aparício era um homem pesado, porém para retirar a roupa dela, ele teve de soltar uma das mãos que rapidamente seguiram na tentativa de baixar o short que ela usava. O esforço de Cleo em se livrar de Zé do bigode o

excitava ainda mais. Se tentasse gritar, ele certamente tamparia sua boca, mas ela não tinha esta intenção, precisava liberar pelo menos a mão direita para dar uma lição naquele tarado.

O homem saboreava o contato físico com a adolescente, mas queria mais, queria deixá-la nua completamente e concluir tirando sua virgindade. Alguns minutos se passaram até que Cleo conseguisse soltar seu braço direito, pois o homem agora usava as duas mãos para tentar despi-la. Num esforço desesperado, ela consegue virá-lo na cama. Seu short já estava aberto e parte de seus pelos pubianos estavam à amostra. Ele a segura pela cintura, mas ela não queria fugir. Rapidamente virou e ficou de frente para ele. Parecia até que ela estava gostando daquilo, pensou rapidamente o gordo de bigode. Tudo não passou de uma estratégia, pois assim que ela ficou sobre o homem e de frente para ele, se deitou quase que completamente sobre o peito dele, a fim de pegar o objeto de sua vingança sob o travesseiro. Por uns segundos o tarado sentiu um enorme prazer quando aquelas mamas pequenas e duras tocaram em seu corpo.

Sem esperar pelo que estava para acontecer, Zé do Bigode babava de excitação. Rapidamente a moça ficou com o corpo ereto e voltou a flexioná-lo sobre o homem. Ele pode sentir algo penetrar em sua grande barriga enquanto ela fazia uma careta de esforço. Com a dor que surgiu, o homem perdeu as forças. Imediatamente Cleo saiu de cima dele. Puxou o short que o tarado tinha tentado tirar e o fechou. Sem falar nada, a moça pegou a mochila que estava num canto do quarto e saiu sem olhar para trás.

Já devia ser meia noite quando a moça deixou a favela, certa de que tinha matado à facada o padrasto tarado. Não estava com medo, porém não queria ser presa.

Um caso de vida e morte

O som do telefone tirou a mulher do sonho e por um instante ela não sabia onde estava.

O telefone tocou com insistência. A mulher se sentou na cama, ainda adormecida e olhou para o relógio sobre o criado-mudo.

- Telefone a essa hora?

Pegou uma das cobertas, se enrolou e lentamente seguiu até a sala para atender a insistente fonte de ruído. A noite estava fria e havia semanas que não chovia.

- Alô!

- É Marta? Aqui é a Elizangela.

- Elizangela? Falou a mulher ainda confusa ao ser acordada em pleno sonho.

- Sim, da maternidade da Praça XV.

- O que foi que aconteceu? Hoje é meu dia de folga, falou a mulher se sentando no sofá ainda enrolada na coberta.

- Preciso que venha para cá imediatamente.

- Ir para a maternidade, agora?

- Quem é? Falou o marido chegando à porta da sala.

- É da maternidade, falou a mulher tampando o fone com a mão direita.

- Mas hoje é seu dia de folga.

- Não pode deixar isso para de manhã? Voltou a questionar a agora desperta mulher destampando o fone.

- Não! Venha agora, é muito importante, caso de vida ou morte.

- Tá legal! Estarei aí o mais rápido possível, falou Marta desligando o telefone.

- O que houve? Falou o marido passando as duas mãos pelo rosto.

- Preciso ir no trabalho agora.

- Não dá para deixar para amanhã?

- Não, parece coisa muito séria, caso de vida ou morte.

- Mas tudo no hospital é caso de vida ou morte, reclamou o homem bocejando.

- Eu tenho uma sensação ruim, falou a mulher apertando os lábios.

- Tudo bem, eu te levo.

Marta Fonseca Lyra era uma mulher de quarenta e dois anos de idade, morena com cabelos pretos longos e escorridos. Com seus setenta e cinco quilos e um metro e sessenta de altura, trabalhava na maternidade da praça XV desde sua formação em enfermagem há quase vinte anos. Tinha um cargo importante naquela maternidade e por isso acontecia de ser acionada fora do seu plantão.

Marta era casada com Dagoberto Lyra desde que ficara grávida ainda quando estava na faculdade. Moravam na Tijuca e Dagoberto com seus quarenta e três anos, era advogado e muito dedicado ao trabalho. Por inúmeras vezes fez prova para ser juiz, mas uma base fraca nos seus estudos e a necessidade de manter as suas atribuições em dia prejudicaram suas intenções.

Naquela noite fria, o casal seguiu de carro da Tijuca até a praça XV sem trocar uma palavra. Marta estava tensa e o marido respeitava o seu silêncio. Assim que chegaram à